



# **APORTES PARA EL SINODO**

## **FUNDAMENTOS**

### **Por uma Igreja sinodal em saída para as periferias**

A Igreja é Povo de Deus, comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus de Nazaré e tem como missão a mesma do Mestre: tornar o Reino de Deus presente no mundo (Cf. EG 176). Nessa comunidade, existe igual dignidade entre seus membros, é uma única família ao assumir na prática a vontade do Pai (Cf. Mc 3,35; Mt 12,50; Lc 8,21). Nela, não importam títulos, ser chamado de mestres, guias ou pai, pois todos são irmãos e irmãs (Cf. Mt 23,8-12). Formamos um único corpo de Cristo, “pois todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo” (1Cor 12,13). Por isso, cada membro é importante e deve usar seus dons a serviço da comunidade. Assim, a sinodalidade, o caminhar juntos como povo de Deus, é algo constitutivo do ser da Igreja e da sua missão. Só somos Igreja de Jesus caminhando juntos para fazer o Reino de Deus acontecer. Mas no seu peregrinar histórico, a Igreja enfrenta desafios, limitações, pecados. O que exige que ela esteja num constante estado de renovação. Não por modismo, mas para ser cada vez mais fiel ao Evangelho. Assim sendo, percebemos dois grandes desafios nesse processo sinodal que estamos trilhando: 1) superar um estilo monárquico que concentra poder e decisões e 2) vencer a autorreferencialidade que fecha a Igreja em si mesma mantendo-a longe da pobreza e dos pobres. Só enfrentando esses desafios assumiremos um estilo verdadeiramente sinodal em saída para as periferias.

Quanto ao primeiro ponto, o Instrumentum Laboris (IL) já nos recordou que “o fato de que ‘pela Consagração episcopal, se confere a plenitude do sacramento da Ordem’ (LG 21) não constitui justificção para um ministério episcopal tendencialmente ‘monárquico’” (IL 38). O caminho que o Senhor nos pede é outro; ele se dá “passando de um modo piramidal de exercitar a autoridade para um modo sinodal” (IL 36). Missão nada fácil. Por isso, falando aos fiéis de Roma (18.09.2021), o papa Francisco afirmou que “há muitas resistências em superar a imagem de uma Igreja rigidamente dividida entre líderes e subordinados, entre os que ensinam e os que têm de aprender... A Igreja sinodal restaura o horizonte a partir do qual o sol Cristo surge: erguer monumentos hierárquicos significa cobri-lo”. A Igreja não se identifica com nenhum regime político. Não é democracia, muito menos monarquia. É Povo de Deus que vive em comunhão fundada no amor da Santíssima Trindade. Assim, o ministério ordenado, bem como todos os ministérios na Igreja devem ser vistos a partir da lógica do serviço. Quando os discípulos discutiam sobre quem era o maior (Cf. Mc 9,33-37), Jesus toma uma criança, a põe no centro e diz que quem a acolher, o acolhe e quem quiser

ser o primeiro deve ser o servidor de todos. Com isso, aponta que os discípulos não devem assumir disputas por poder nem uns quererem dominar sobre os demais, mas todos devem se colocar como servidores.

Esse texto também nos ajuda a compreender o segundo desafio: vencer a autorreferencialidade. Jesus toma uma criança, símbolo de todos os pequenos e excluídos, e a põe no centro; diz ainda que quem a acolher, estará acolhendo a ele e ao Pai. É preciso sair de nós mesmos para acolher Cristo nos pequeninos e coloca-los no centro de nossas pastorais. A Igreja não existe para si mesma. Não se trata de organizar eventos e executar atividades religiosas, por mais importantes que sejam. Ainda que tenhamos uma Igreja onde todos participam de sua organização e pastoral, se ela não estiver comprometida em transformar o mundo para ser mais justo e fraterno como Deus quer, não teremos uma Igreja sinodal. Teremos uma Igreja mais participativa, mas não sinodal. “Como a lua, a Igreja brilha com luz reflexa: não pode, portanto, entender a sua missão em sentido autorreferencial, mas detém a responsabilidade de ser o sacramento da união, das relações e da comunhão com vista à unidade de todo o gênero humano... a Igreja é o sacramento do Reino de Deus no mundo” (IL 4). E ser esse sacramento do Reino significa sair para as periferias e escutar os pobres e excluídos (Cf. IL 12, 20, 33, 54, 93). Por isso, afirma o papa Francisco: “desejo uma Igreja pobre para os pobres... A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles” (EG 198). A sinodalidade não é caminhar para qualquer lugar, mas sim uma saída para as periferias. É ser servidores do Reino que somos chamados a tornar presente no mundo. Que o sínodo nos ajude a sermos cada vez mais uma Igreja de irmãos e irmãs que juntos caminham para as periferias, servindo a Cristo nos pobres, trabalhando pelo Reino de Deus e sua justiça!